

AS INVASÕES GERMÂNICAS E O IMPÉRIO ROMANO: CONFLITOS E IDENTIDADES NO BAIXO IMPÉRIO

The Germans invasions and Roman Empire: conflict and identity in Late Antiquity

Claudio Umpierre Carlan*

RESUMO

O artigo começa com uma discussão das questões teóricas relativas ao estudo das identidades no mundo antigo. Após uma discussão da teoria social e de diferentes modelos interpretativos, enfatiza-se a importância do uso de uma variedade de fontes: literárias, iconográficas, arqueológicas. Foi usado um importante material numismático do acervo do Museu Histórico Nacional, referente ao contato tardio entre romanos e germanos.

Palavras-chave: numismática; romanos; germanos; Antigüidade Tardia.

ABSTRACT

This papers stars with a discussion of the theoretical issues for the study of identity in ancient world. Then, after introducing a discussion of social theory and different interpretative standpoints, the papers emphasizes the importance of using a variety of sources: literary, iconography and archaeological. It also includes the analysis of an important numismatics material kept in the National Historical Museum, which refers to the contacts between Romans and Germans in the Late Antiquity.

Key-words: numismatics; Romans; Germans; Late Antiquity.

* Doutor em História Cultural (Antiga) pela UNICAMP. Professor do Departamento de História e Biblioteconomia da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Pesquisador-associado do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE / UNICAMP), do Núcleo de Estudos da Antigüidade (NEA / UERJ) e do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antigüidade (CEIA / UFF).

Introdução

Durante o século III¹, o Império Romano é mergulhado em uma crise sem precedênciia. Politicamente, podemos dividir esse período em dois momentos distintos.

Um primeiro momento, chamado de Anarquia Militar (235 – 268), em que os imperadores eram nomeados por seus soldados, sendo assassinados logo depois. Alguns chegaram a governar poucos dias. As legiões nomeavam seus generais como imperadores, na esperança de receber uma recompensa. Na época, não existia Exército Nacional, como hoje. Cada legião, cada exército era fiel ao seu comandante. Quando o comandante não fazia o prometido, era assassinado por seus soldados. Segundo relatos da época, alguns imperadores eram nomeados pela manhã e assassinados à noite.

A outra fase é dos Imperadores Ilírios (268 – 284), sendo caracterizada por um grupo de governantes originários da Ilíria (atual Europa Oriental, perto da Albânia). Na tentativa de resolver os problemas socioeconômicos criados durante a Anarquia Militar, eles tentaram realizar uma série de reformas.

Entre os anos 238 e 285, 19 imperadores ocuparam a púrpura. Nenhum deles conseguiu atuar de forma ativa com o Senado, colocando Roma em uma crise institucional. No meio desse caos, era necessária uma série de reformas urgentes para salvar o Império.

Com Diocleciano, tem início um dos programas de reformas mais importantes da História Romana, com o advento da restauração do Império. O Estado foi transformado em uma monarquia absoluta, na qual o imperador possuía a autoridade máxima, baseada na escravidão, na servidão dos camponeses livres, na burocracia estatal e no exército. Como modelo, Diocleciano copiou as monarquias orientais, nas quais tudo o que cercava o rei era considerado sagrado².

1 Todas as datas aqui citadas são referentes a depois de Cristo.

2 As monarquias orientais mais famosas são as do Egito (Faraó), Mesopotâmia (Patesi) e Pérsia (Xá). Nesses reinos, o rei pode ser considerado um deus, ou a reencarnação do deus, no caso do Faraó, ou simplesmente um representante do deus na Terra (sacerdote), como Patesi na região da Mesopotâmia ou o Xá da Pérsia. Os imperadores romanos vão copiar o modelo persa. Mas, apesar disto, a maioria dos imperadores são coroados Faraó do Egito (comum desde a conquista do Egito no século I a. C.). O último Faraó oficial do Egito foi Juliano II, imperador romano de 361 a 363.

Desde a crise do século III, os povos germânicos começam a invadir as fronteiras do Império, procurando novas terras. Os imperadores do período aceitaram pacificamente esses povos no início, desde que atuassem como colonos, trabalhando na terra, exercendo a função de vigilantes de fronteira, com uma força militar própria e praticamente independente, comandada por seus chefes. São aceitos em um sistema de federado³. Aos poucos, começam a ser assimilados pelo exército romano. Seus chefes chegam a atingir as mais altas funções dentro do Império. Muitos chegam até a controlar o imperador, como Estilicão, durante o governo de Honório (395 – 423)⁴.

“Bárbaros” invasores ou aliados?

O termo “bárbaros”, nome utilizado pelos gregos e que significava apenas *estrangeiro*, foi usado pelos romanos para designar os povos que não partilhavam dos seus costumes, cultura e organização política. Os próprios gregos chamavam os romanos de bárbaros, pois também eram considerados estrangeiros.

Em um primeiro momento, essas migrações foram pacíficas; esses povos, de origem germânica em sua maioria, foram aceitos nos limites do Império. Os romanos necessitavam de um contingente de soldados próximo as suas fronteiras.

Durante o século IV, o império já se encontrava dividido em duas metades, Ocidente e Oriente, e faziam fronteira com várias culturas não

3 Federado, do latim *foederati*, utilizado desde os tempos da República Romana, designa qualquer tribo, sujeitando-a a um tratado; não sendo uma colônia, nem possuíam a cidadania romana. Mas em caso de necessidade, deviam enviar soldados para as legiões, num gesto de lealdade ao Império. Essa palavra é a raiz do termo moderno de Federalismo. Entre os séculos IV e V, os federados em território romano foram adquirindo várias propriedades rurais, em troca de serviços militares, formando os futuros feudos, governados pelos senhores feudais (nobreza medieval). Com o enfraquecimento do poder imperial e a fragmentação do Império, essas propriedades iam ficando cada vez mais sozinhas e independentes.

4 NELI-CLÉMENT, Jocelyne. *Les beneficiarii: militaires et administrateurs au service de l'Empire (I a.C – VI p.C)*. Maison de l' Archeologie / Université Michel de Montaigne – Bourdeaux III. Bordeaux: Ausonius – Publications, 2000.

romanizadas: na África, os Berberes e as tribos do Sudão, a norte, desde a península escandinava em direção ao mar Negro; na região além do Reno e o Danúbio, os Germanos. Em sua grande maioria, eram populações tipicamente nômades.

Várias tribos germanas se instalaram pacificamente no interior do Império, chegando mesmo a integrar o exército romano. Isso foi muito comum após a crise do terceiro século. Por volta do ano 400, 30 ou 50 por cento do exército romano era composto de mercenários germânicos. Sem outra saída, alguns grupos bárbaros foram alistados no exército de Roma como unidades inteiras para ajudar na defesa contra outros grupos. Isso foi muito popular durante as guerras civis do século IV, quando aspirantes ao trono romano precisavam levantar exércitos rapidamente. Essas unidades bárbaras mantinham seus próprios líderes e não tinham a lealdade e a disciplina das legiões⁵.

As relações entre bárbaros e romanos não se limitavam, contudo, às esferas comercial e cultural. O próprio exército romano, um dos grandes responsáveis pela romanização nas províncias, estava se transformando num corpo profissional incorporado por mercenários que, sucessivamente, substituíam as legiões e a aristocracia, chegando mesmo a ingressar na família imperial — um filho de Teodósio II desposou a filha do vândalo Estilicão. A promoção dentro dessas forças começa a ser realizada pela competência militar e não pelo sangue.

Vegécio, historiador militar do final do século IV, defendia o retorno aos antigos métodos de organização e treinamento das legiões, criticando a utilização de mercenários no exército. O soldado mercenário, ao contrário do cidadão, não lutaria pela pátria e sim pelo ouro. Acabando o ouro, ou o outro lado pagando mais, o mercenário fugiria ou mudaria de lado⁶.

A sucessiva falta de mão-de-obra no campo obrigava o Império a permitir a entrada destes povos, formando assim assentamentos caracterizados distintamente: os *federados*, ligados a Roma por um contrato, aos quais era permitida a preservação dos costumes, organização social e polí-

5 O'FLYNN, John Michael. *Generalissimos of the Western Roman Empire*. Edmonton / Canada: The University of Alberta Press, 1983.

6 VEGÉCIO. *A arte militar*. Introdução de Paulo Matos Peixoto. Tradução brasileira de Gilson César Cardoso de Souza. 1. ed. São Paulo: Editora Paumape S.A., 1995.

tica, em troca da prestação de serviço militar. No decorrer do século IV, estes tratados de federação aumentavam substancialmente, na tentativa de vencer a crise que se aproximava.

Romanos e “bárbaros”: o confronto esperado

Entre os povos germanos invasores, podemos destacar os godos (divididos em visigodos no ocidente e ostrogodos no oriente), os francos, os suevos, os borgúndios, os anglos, os saxões, os alamanos, entre outros⁷.

Os vândalos arrasaram as Gálias, atacaram a Espanha e se dirigiram ao norte da África, conquistando Cartago. Deste porto, se dedicaram à pirataria, assolando todo o Mediterrâneo Ocidental. Os visigodos retiraram-se da Itália e foram para o oeste. Estabeleceram o seu governo no sul da região, em quase toda a *Hispania* (Península Ibérica). Os francos se deslocaram para o norte das Gálias. Durante o governo de Clóvis (dinastia merovíngia), adotaram o cristianismo tradicional⁸. Os saxões, aliados dos anglos e dos jutos, se instalaram na Bretanha, com costumes diferentes dos romanos.

Como podemos notar, em sua maioria, os germânicos foram respeitosos com a cultura romana, fundindo costumes romanos com seus próprios costumes. A aristocracia germânica começou a utilizar o latim que, ao longo dos séculos, vai se modificando, dando lugar às línguas românicas ou neolatinas.

Estes numerosos cativos e grupos étnicos pedem asilo e são instalados em território romano, a fim de repovoar e recultivar regiões em que a mão-de-obra é rara. Trata-se dos chamados *letos* ou *gentios*, que a adminis-

7 Existiam mais dois grupos distintos: os eslavos, formados pelos poloneses, russos, bósnios, sérvios, croatas, dálmatas, etc. E o grupo dos tártaros-mongóis, compreendendo os hunos, os alanos, os avaros, os húngaros, os búlgaros e os turcos. Referência: FUNARI, Pedro Paulo A. e CARLAN, Claudio Umpierre. *Romanos e germânicos: lutas, guerras, rivalidades na Antigüidade Tardia*. Revista eletrônica Brathair / UFRJ. n. 13, agosto de 2007.

8 Nesse período, a maioria dos povos germânicos eram cristãos arianos (heresia do século IV defendida pelo bispo Ário). Clóvis realizou uma aliança com o Papa, prometendo defender a ortodoxia de Santo Atanálio contra o arianismo.

tração deve manter sob vigilância, e cujos filhos são agora obrigados, como filhos de soldados, a entrar no exército. Outros gozam do regime de federados e fornecem contingentes organizados à sua maneira, comandados pelos seus chefes.

Sofrendo vários abusos por parte das autoridades romanas, em nome do Imperador, esses grupos se revoltam contra o Estado. Vários textos, no período de Valente (Imperador do Oriente entre 364 – 378), descrevem os altos impostos e o estado de miséria dessas populações. Muito eram obrigados a vender seus filhos como escravos. A batalha de Andrinopla, em 378, onde a cavalaria goda aniquila o exército romano, não foi por acaso.

Valente deu combate aos godos, seguindo o conselho do seu comandante-em-chefe, Sebastiano, diante de Andrinópolis, sem esperar a chegada dos reforços de Valentiniano, seu irmão e imperador do Ocidente

Durante esse período, os imperadores empenham-se em anular o privilégio de sangue, ou seja, os antigos líderes senatoriais são afastados dos comandos das legiões – o que Constantino I, o grande (imperador de 307 – 337) consegue durante o seu governo, separando as funções civis das militares. A principal conquista social do século III mantém-se no século IV, isto é, a atribuição dos postos e a própria promoção baseadas apenas no mérito. Essa mudança foi influenciada principalmente pela necessidade de ser mantida a ordem política, pois temia-se que a ambição da classe senatorial incentivasse a tropa contra o governante. Isso leva Constâncio II (imperador de 337 a 361), filho e principal sucessor de Constantino, a nomear apenas um único oficial para o comando da infantaria e da cavalaria no Oriente, *o magister equitum et peditum per Orientum*.

Constâncio II utilizou várias vezes essa manobra. No ano de 350, quando Magnêncio é aclamado imperador, Constâncio leva um rei alamano a atravessar o Reno, numa manobra para despistar as tropas do usurpador, que iria tentar a sorte na Panônia (atual Hungria ocidental) e na Itália. Magnêncio é derrotado e morto em batalha.

*Identidades e representações na Antigüidade Tardia*⁹

A palavra “bárbaro”, por si só, é considerada por muitos como eurocêntrica e etnocêntrica. As representações desses povos no Baixo Império seguem o mesmo padrão. Como modelo, usaremos alguns anversos e reversos monetários, cunhados nos séculos IV e V.



FIGURA 1 - Primeiro Exemplo¹⁰

Descrição da Iconografia

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Busto de Constâncio II, face voltada a direita do observador, com o diadema de três pontas, o manto imperial preso aos ombros.

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / ALEA G

A imagem representa um soldado ou legionário romano (ou o próprio imperador) derrotando um inimigo bárbaro, este pedindo misericórdia. Em outros exemplares, notamos tratar-se de uma representação de um persa, pois o uniforme estava mais destacado. A riqueza dos detalhes, como o escudo, a lança, a espada do vencido caido ao solo, o escudo sendo

⁹ As moedas aqui analisadas pertencem ao acervo do Museu Histórico Nacional, localizado no Rio de Janeiro. O MHN possui a maior coleção de moedas da América Latina, desde as primeiras, cunhagens na Lígia, até o euro.

¹⁰ FUNARI, Pedro Paulo Abreu e CARLAN, Claudio Umpierre. *Arqueologia Clássica e Numismática*. Textos didáticos n. 62. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2007.

pisoteado pelo vencedor demonstra a importância em destacar o fato: o vencedor romano está humilhando o derrotado bárbaro. Na legenda FEL TEMP (REPA) RATIO, que significa *retorno aos tempos felizes*, fica clara a tentativa de salvar o Império das diversas crises, retornando ao passado glorioso do principado de Augusto.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação: bem conservada (BC), de diâmetro de 1,3 mm, peso de 2.77g, alto reverso 10 horas. Trata-se de um AE $\frac{1}{2}$ centenionalis cunhado entre os anos de 345 e 347, em Alexandria.



FIGURA 2 - Segundo exemplo

Descrição da Iconografia

Anverso: D NAVITVS PERPAVG

Tremissis, moeda de ouro cujo o valor era inferior aos *aureus* e *solidus*. Representa o imperador Avitus, de origem galoromana, que governou entre 455 e 456. Diademado, encouraçado à direita.

Reverso: Não existem legendas. Notamos a união de dois símbolos freqüentes no Império Romano dos século IV e V: a cruz cristã, comum desde o período constantiniano, e a coroa de louros, homenagem a Júpiter, presente desde a tetrarquia. Avito foi assassinado por Ricimero, general visigodo, que assumiu o controle sobre o Império. Os visigodos, durante os séculos VI e VII, cunharam exemplares semelhantes a esses.

Observações: peça bem conservada (BC), de 1,40 mm de diâmetro e 2,2 g de peso. Alto reverso ou eixo 12 horas. Cunhada no ano de 455, em Milão.

Conclusão

Durante o século IV, o exército tem uma função essencial no mundo romano. Além do perigo sassânida no Oriente e das invasões germânicas no Ocidente, havia o medo das sublevações (as quais haviam sido tão freqüentes durante a Anarquia Militar). Não podemos esquecer também que o próprio imperador provém, antes de mais nada, das tropas: no Baixo Império, antes de ser um administrador, o *César* ou o *Augustus* precisa ser um chefe guerreiro.

No início, os povos germânicos foram aceitos dentro das fronteiras. Trabalhavam nas terras esquecidas pelos cidadãos romanos e complementavam o efetivo militar. Mas os altos impostos, as constantes explorações sofridas pelos agentes imperiais e a fraqueza do Império levam esses povos a atacar e dividir o mundo romano entre si. Nas moedas do período fica bem claro como os “bárbaros” são retratados.

Essas representações são comumente alegóricas ou simbólicas e a mensagem que transmitem vai, quase sempre, além dos traços visíveis. Encontram-se com freqüência, nessas moedas, nomes de cidades, países, festivais, monumentos famosos, divindades, membros de uma família, que auxiliam na interpretação do seu significado e sentido.

Tratava-se de uma exposição de idéias, uma composição de emblemas, como o barrete frígio, que tem o significado de liberdade; a cornucópia, que remete à abundância; a concórdia representa a união dos esforços; o véu, que pode indicar modéstia ou viuvez. Barretes e elmos, indicando campanhas militares, a ornamentação com a coroa de louros (laureada), que tendem a assimilar aqueles que as levam à divindade, também são comuns nas representações monetárias.

Devemos deixar claro que qualquer sistema de símbolos é uma invenção do homem. Os sistemas simbólicos que chamamos de linguagens são invenções ou refinamentos do que foram, em outros tempos, percep-

ções do objeto dentro de uma mentalidade despojada de imagens, tornando a linguagem visual universal.

Agradecimentos

Aos colegas da Universidade Federal do Paraná, e em especial à professora Renata Garraffoni pela oportunidade de trocarmos idéias, a Pedro Paulo Funari, Maria Beatriz Florenzano, Ciro Flamaron Cardoso, Vera Tostes, Rejane Vieira, Eliane Nery e Edinéa Carlan. As idéias são de responsabilidade do autor.